

O CURRÍCULO E SEUS CRÍTICOS

Reflexões sobre o ativismo político estudantil de uma universidade pública indiana



Curriculum and its Discontents: Reflections on Student
Political Activism from an Indian Public University

Soumodip Sinha
Delhi University

Department of Sociology, Delhi School of Economics | Deli, Índia
soumodipsinha@gmail.com | ORCID iD: 0000-0002-8101-0213

Resumo

Este trabalho é resultado de uma pesquisa de doutorado iniciada em 2015. Ele analisa as intersecções entre ideologias e política nos espaços do ensino superior. Discute um estudo de caso da Universidade de Deli e olha criticamente para as intervenções de ideologias particularistas no processo de concepção curricular e formação de programas de ensino. Baseando-se na literatura disponível e situações etnográficas do campo realizado, o artigo analisa episódios recentes de protestos e dissidências no campus frente aos programas de quatro disciplinas para argumentar principalmente que os estudantes partilham uma relação intrínseca com a política que pode dificilmente ser segregada dos debates sobre o currículo. Também tenta demonstrar e assim concluir que as tendências arbitrárias para alcançar a hegemonia ou homogeneidade acadêmica através da concepção curricular ou formação de conhecimentos podem levar à construção de um conhecimento exclusivo que suprime diversidades ou realidades sociais plurais. Um tal fenômeno mascara, altera ou dificulta antigas reivindicações pela democratização dos espaços universitários em condições pós-coloniais.

Palavras-chave

política estudantil; Universidade de Deli; identidades; ideologia; currículo; protestos por Programas.

Abstract

This paper emanates from my doctoral research initiated in 2015. It looks at the intersections between ideologies and politics in higher education spaces. It discusses a case study of Delhi University and critically understands the interventions of particularistic ideologies in the process of curriculum design and syllabi formation. Using existing literature and ethnographic snippets from the field, the paper seeks to elaborate upon recent episodes of campus protests and dissent concerning the syllabuses of four subjects to primarily argue that students share an intrinsic relationship with politics and that it is difficult to segregate the two. It also attempts to demonstrate and thereby conclude that arbitrary tendencies to achieve academic hegemony or homogeneity via curriculum design or knowledge formation can lead to the construction of exclusive knowledge which excludes diversities or plural social realities. Such a phenomenon then masks, alters or hinders longstanding quests for democratising university spaces in postcolonial conditions.

Keywords

student politics; Delhi University; identities; ideology; curriculum; syllabus protests.



Introdução

...o ensino superior encoraja a investigação e o questionamento de práticas e instituições estabelecidas. Não é surpreendente, portanto, que a opinião pública crítica seja expressa em primeiro lugar entre os estudantes (Philip G. Altbach, 1999:57).

Este artigo analisa as intersecções entre ideologias e política nos espaços do ensino superior. Discute um estudo de caso da Universidade de Deli (DU) e analisa criticamente as intervenções de ideologias particularistas no processo de concepção curricular e formação de programas de estudos. Os debates a este respeito foram significativamente renovados no passado recente graças aos protestos da *Akhil Bharatiya Vidyarthi Parishad* (ABVP)¹. Este trabalho procura estudar em detalhe estes eventos de protestos e dissensões frente aos programas académicos de quatro disciplinas - História, Inglês, Sociologia e Ciência Política. Utilizando trechos etnográficos de trabalho de campo realizado, procura-se principalmente argumentar que o processo de ensino-aprendizagem se baseia no meio sócio-político existente. Este meio é geralmente construído ao longo de espaços sociais coletivos ou amarrações ideológicas. Neste contexto, o artigo buscará também demonstrar que as tendências arbitrarias para alcançar a hegemonia ou homogeneidade académica através da concepção curricular ou formação de conhecimento podem levar à construção de um conhecimento exclusivo - um conhecimento que exclui as

¹ *Akhil Bharatiya Vidyarthi Parishad* (traduzido como Conselho de Estudantes de toda a Índia [*All India Students' Council*]) é um grupo de estudantes afiliado ao *Rashtriya Swayamsevak Sangh* (traduz-se como Associação Nacional de Voluntários). Outros partidos estudantis ativos no campus da Universidade de Delhi (DU) incluem a União Nacional de Estudantes da Índia (afiliada ao Partido do Congresso Nacional Indiano); Associação de Estudantes da Índia (afiliada ao Partido Comunista da Índia [Marxista-Leninista]); *Chhatra Yuva Sangharsh Samiti* (traduz-se como Comitê de Luta de Jovens Estudantes [*Student Youth Struggle Committee*] - afiliado ao *Aam Aadmi Party*, traduz-se como Partido Popular dos Comuns [*Common People's Party*]). A Federação Estudantil da Índia (afiliada ao Partido Comunista da Índia), *Krantikari Yuva Sangathan* (traduz-se como Organização Revolucionária da Juventude [*Revolutionary Youth Organization*]) e a Organização Nacional de Estudantes da Índia (afiliada ao *Lok Dal* da Índia - traduz-se como Partido Nacional do Povo Indiano [*Indian National People's Party*]) também estão presentes.

diversidades ou realidades sociais plurais. Este fenômeno mascara, altera ou dificulta antigas reivindicações pela democratização dos espaços universitários em condições pós-coloniais.

Tomando como ponto de partida a literatura existente na área de estudo, o trabalho também conta com observação participante aliada a entrevistas em profundidade com ativistas estudantis². Ao transitar no debate sobre protestos estudantis e disrupções com respeito ao currículo e à sua concepção, buscará também lançar luz sobre questões de governação acadêmica através de reflexões sobre tais instâncias no setor do ensino superior. Está dividido em duas seções. A primeira seção expõe alguns dos recentes debates sobre política estudantil em relação à governança acadêmica nas universidades na era neoliberal. Ao fazê-lo, coloca em evidência os recentes protestos relativos à reforma dos programas de licenciatura na DU dentro desse quadro. A segunda seção discute as políticas de ensino superior para concluir que tensões têm sido um fator antigo e persistente na formulação de políticas acadêmicas - em grande parte devido a intervenções de grupos de pressão politicamente motivados - seja ideologicamente fundamentada ou com base em identidades sociais, ou ainda ambas.

Revisitando o poder do estudante em meio aos Protestos do Currículo na Universidade de Deli

Movimentos estudantis têm emergido por várias razões - desde microquestões relativas ao bem-estar dos estudantes nos campi até questões de maior dimensão

² Este estudo é produto do trabalho de campo etnográfico que foi realizado em diferentes fases entre outubro de 2017 e julho de 2021, como parte de uma pesquisa de doutorado em andamento. Ele conta com observação participante, entrevistas em profundidade e conteúdo digital de plataformas de mídia social de organizações estudantis politicamente ativas na Universidade de Délhi. Apenas as narrativas das entrevistas que se enquadram no âmbito deste trabalho foram incorporadas e algumas delas foram traduzidas do hindi para o inglês. Os nomes dos informantes foram alterados a fim de manter o anonimato.

como o enfretamento do poder do Estado e regimes governamentais. Deve-se lembrar que estudantes foram e continuam a ser vistos como uma poderosa agência política em todo o mundo. Em trabalhos e comentários recentes, grande importância tem sido atribuída ao espaço universitário e à agência de estudantes. No entanto, Altbach (2007: 338-39) é enfático ao afirmar que a orientação ideológica dos movimentos estudantis é menos clara no início do século 21 do que tem sido pelo menos no último meio século. Ele tem argumentado que estes fatores têm sido agravados pelo fracasso do socialismo, o renascimento do nacionalismo, os problemas contínuos de modernização e desenvolvimento no Terceiro Mundo e as novas questões ambientais. Em suma, ele considera que estes fatores contribuíram para uma falta de clareza no que diz respeito aos fundamentos ideológicos dos movimentos de militância estudantil. No entanto, os estudantes, enquanto atores políticos que demonstram agência, têm sido tremendamente influentes na organização e orientação da governança do ensino superior ou mesmo nos rumos tomados por países.

Altbach e Klemenčič (2014: 2) observam também que, embora a era das revoluções estudantis possa ter terminado há meio século - os estudantes continuam ativos na política, e são muitas vezes uma força-chave nos movimentos políticos dirigidos para a mudança social em todo o mundo. Afirmam que, embora os estudantes possam já não estar no centro dos movimentos políticos, a sua participação inclui a construção de mensagens, ideologias e táticas dos movimentos de contestação - especialmente em sociedades onde a democratização, os direitos das minorias ou livrar processos e instituições políticas da corrupção continuam a ser questões relevantes e de grande apelo. Ambos concordam ainda que os movimentos ou protestos *Occupy* na Inglaterra contra o aumento das taxas anuais de universidades como parte do recrudescimento de medidas neoliberais contribuíram para que alguns estudantes continuassem politicamente empenhados mesmo em "sociedades pós-industriais pós-modernas". Não obstante, eles notam que

as potenciais causas para crítica podem variar de acordo com as condições, espaços e contextos específicos.

Lançando luz sobre esta mesma questão, Della Porta et al. (2020: 29-30) argumentaram que com o advento de uma tendência de mercantilização desde a virada do milênio e com os estudantes a serem vistos como consumidores individuais ou alvos de políticas governamentais impostas de cima para baixo, uma "onda global de protestos estudantis nos anos 2010 tem atraído um significativo interesse de acadêmicos e políticos". Eles assentem ainda que as contestações globais ou a famosa onda de protestos universitários de 1968 materializaram o poder coletivo dos estudantes nas instituições de ensino superior, marcando a sua politização de muitas formas. A política estudantil tem sido instrumental na reforma do ensino superior, bem como na institucionalização de associações estudantis estabelecidos para representar os interesses de estudantes local e nacionalmente. Entendem também que tal acordo havia sido consolidado através de ações de caráter representativo e institucional pelo menos até ao final do século 20.

Numa linha semelhante e discutindo o caso da Ásia do Sul em particular, Martelli e Garalyte (2019: 4) afirmaram que este ativismo estudantil é caracterizado pela autotransformação individual e coletiva; é um produto de experiências íntimas diárias e de desempenhos instrumentais. Argumentam que a dimensão de "tentativa e erro" do engajamento político dos estudantes permitiu-lhes situar o seu caráter distintivo nas transformações individuais de ativistas ou na autotransformação como uma forma de transformação política. Acreditam que uma tensão – o fato de as universidades (politizadas) serem financiados por verbas públicas – complica ainda mais a relação da política estudantil com a administração ou o regime no poder, que esperam por sua vez que os estudantes encarnem as aspirações do Estado e da sociedade em geral. Nesse sentido, esses autores defendem que esta tensão confirma de modo consistente a significância (política) regional e

nacional da política estudantil (Martelli e Garalyte, 2019: 9).

No caso da Índia, obras recentes (Lukose, 2010; Jeffrey, 2012; Kumar, 2014) têm oferecido uma leitura detalhada sobre a juventude liberalizada, as suas aspirações e padrões de escolha, bem como o seu papel na política em geral³. Ao longo dos últimos anos, a liberalização exacerbada, acompanhada de afirmações de identidade, alterou o panorama político não só do ensino superior, mas de toda a nação de forma dramática. Com o Partido Bharatiya Janata (BJP) assegurando uma maioria absoluta e um mandato nas eleições gerais de 2019, os traços e tendências do fervor nacionalista apenas aumentaram. As amarras acima mencionadas têm encontrado apoio em várias esferas da sociedade, especialmente na esfera pública. As universidades tiveram de testemunhar turbulências e mudanças num passado recente e os protestos da ABVP em relação ao currículo na Universidade de Deli (DU) reiteram essa constatação. Como Jaffrelot (2000) argumenta, Deli é um dos mais antigos redutos eleitorais do movimento nacionalista hindu; no entanto, ele também observa que a RSS não foi a primeira organização nacionalista hindu em Deli. O ativismo político estudantil na DU tem suportado as repercussões disso ao longo dos anos e tais disputas continuam a se manifestar no interior do Campus.

Na DU, o ano acadêmico inicia-se com o semestre ímpar por volta de meados de julho e avança até o mês de novembro, após o qual são realizados os exames. O semestre par tem início em janeiro e continua até Abril, com exames geralmente conduzidos na primeira quinzena de maio. Novas inscrições são realizadas nos meses de junho e início de julho. A organização deste calendário e o início do mês de junho aciona os ativistas e organizações estudantis do campus - eles publicamente se oferecem para ajudar os novos estudantes com assuntos relacionados à matrícula ou outros assuntos referentes à

³ O Partido Bharatiya Janata (BJP) voltou ao poder em 2019 para um segundo mandato consecutivo, o que ajudou (mais ainda) a fortalecer os setores ideológicos de direita em toda a nação.

universidade. Eles também dedicam muito tempo e energia para ajudar os potenciais candidatos ou aqueles recém-selecionado com os exames de seleção, listas de corte ou outros processos relacionados com seleção e acomodação. Este período serve geralmente como 'momento de reprodução' para o ativismo baseado no campus. Com as recomendações da Comissão Lyngdoh em vigor, é obrigatório que a administração da universidade realize eleições para as associações de estudantes no prazo de quarenta dias para o novo ano acadêmico. Assim, as tão cobiçadas eleições para a União de Estudantes da Universidade de Deli (DUSU) realizam-se na segunda semana de setembro fazendo com que os estudantes do primeiro ano se tornem atores centrais no interior desta rede. Quando os estudantes se formam no segundo e terceiro anos, muitos ficam desiludidos com a política do campus, tornando imperativo para as organizações estudantis que elas reúnam os votos dos estudantes do primeiro ano, bem como a filiação no seu grupo partidário.

Assim que os assuntos relacionados com a seleção terminam (com o encerramento das listas de "corte de mérito"), as organizações políticas estudantis que fizeram a sua parte para oferecer assistência durante a sessão de admissão procuram assegurar o apoio dos recém-chegados à universidade, bem como mobilizá-los e reuni-los para comícios e protestos. Tal é a relevância da nova época de admissão para os partidos estudantis: inicia-se o recrutamento, bem como a busca por apoio político. Estes meses permitem, geralmente, não apenas máxima atividade, mas sobretudo máximo ativismo no que diz respeito à política estudantil no campus. Esta é, normalmente, a época do ano em que os novos estudantes esperam desfrutar ou experimentar a 'vida universitária' ou a 'vida no campus' pela primeira vez por completo. Para muitos destes recém-chegados, as ideias da vida no campus em geral ou da política do campus em particular emanam de experiências partilhadas por membros da família ou meios de comunicação de massa. Neste

momento, eles estão ansiosos por ter sua própria experiência da vida no campus.

Após a independência, o Governo da Índia instituiu a Comissão de Bolsas Universitárias (UGC), em 1948-1949 para examinar o desenvolvimento do ensino superior e fazer propostas para a sua futura expansão e melhoria (Jayaram, 2007: 748-49)⁴. Como parte desta função reguladora, em março de 2019, a UGC orientou as universidades a rever os seus programas de graduação a partir do “Programa Baseado em Resultados de Aprendizagem” (*Learning Outcome Based Framework*, LOCF). Tal modelo tem sido frequentemente criticado como um modelo neoliberal que obrigaria as universidades a oferecer 'cursos autofinanciados orientados para o mercado' e prepararia o caminho para a mercantilização ou privatização de um bem público⁵. No entanto, a administração da DU decidiu avançar com o processo de revisão através de consultas com todas as partes interessadas⁶. Alguns meses mais tarde, uma vez formulada a minuta do currículo, presenciou-se grande oposição ao processo adotado pela Universidade, que foi devidamente contestado pela associação de professores de tendência à direita, bem como pela sua ala de estudantes do ABVP, sob a alegação que certas seções do programa curricular eram "anti-RSS"⁷. Exigiu-se então a revisão dos programas de estudos de quatro disciplinas em particular:

⁴ Jayaram (2007: 754) argumentou que, embora se esperasse que a UGC desempenhasse um papel de liderança neste sentido, ela é dotada de pouco ou nenhum poder e, além disso, a rápida expansão do setor praticamente a reduziu a uma mera agência de financiamento.

⁵ Uma matéria na imprensa sobre o caso da África do Sul afirma que o Presidente (Cyril Ramaphosa) defendeu a inclusão de programação e robótica no currículo da educação básica, pois isso ajudaria os alunos a adequar suas competências ao conhecimento de um mundo de rápidas transformações (Sunday Times, 2021).

⁶ Jayaram (2007: 750-51) descreve ainda que a Universidade de Délhi (DU) é um "tipo misto" de universidade - sua jurisdição territorial inclui as faculdades que ela administra, bem como suas faculdades afiliadas, espalhadas pela cidade de Delhi e uma das principais tarefas da universidade é determinar e supervisionar os padrões acadêmicos dessas faculdades afiliadas e realizar exames centralizados para os candidatos nelas inscritos.

⁷ Ver: The Wire. 2019. “ABVP Calls DU’s Revised Syllabus ‘Anti-RSS’, Protests outside VC’s Office”, 17 July 2019.

História, Inglês, Sociologia e Ciência Política. Por volta de meados de julho de 2019, estes grupos protestaram em frente do *Viceregal Lodge* (o escritório do reitor) durante a Reunião do Conselho Acadêmico e expressaram as suas queixas⁸.

Tabela 1: Tópicos contestados na Proposta de Currículo de Graduação da DU (Julho de 2019)

Assunto	Tópicos (para inclusão no programa de estudos)	Assunto	Temas (contra inclusão no programa de estudos)
Sociologia	-Consciência ambiental indiana e adoração da natureza; - <i>Gram Swaraj</i> ; - Família extensa indiana; - Sociedade e cultura védicas.	Inglês	- <i>Maniben alias Bibijaan</i> , de Shilpa Paralkar (sobre os ataques do Gujarat de 2002); - Escritos como <i>Literature in Caste e Interrogating Queerness</i> (sobre LGBTQs na mitologia indiana).
História	- História dos <i>Rajputs</i> ; - Ícones como B.R Ambedkar, Sher Shah Suri e Amir Khusro.	História	Escrito intitulado <i>Democracy at Work</i> (sobre o naxalismo).
—	—	Ciência Política	<i>Maoist Movement</i> no Seminário de Movimentos Sociais

Fonte: Dados coletados do The Times of India, 18 de Julho de 2019

Além disso, a fim de chegar à população universitária em geral, a ABVP organizou um *Satyagraha* – um protesto na Faculdade de Artes, que é o local próprio para manifestações e atividades afins⁹. Tal método de protestos tem sido popular entre grupos e organizações ideológicas do campus. Por exemplo, Sunny é um

⁸ Jayaram (2007: 752) afirma que tanto nas universidades centrais como nas estaduais, o reitor [*vice-chancellor*] é o chefe administrativo e acadêmico da universidade e que órgãos estatutários como o conselho acadêmico (para assuntos acadêmicos), o senado ou corte (para estatutos e orçamento), e o sindicato ou conselho executivo (para ações executivas ou gestão geral da universidade) governam as universidades.

⁹ *Satyagraha*, termo que se traduz de maneira aproximada como o "caminho da verdade", é uma linha de resistência política passiva que foi defendida por Mohandas Karamchand Gandhi, popularmente chamado de Mahatma (pai da nação) contra o domínio colonial britânico na Índia.

estudante da DU e ativista estudantil. Ele é membro da União Nacional de Estudantes da Índia (NSUI), a ala estudantil do Partido do Congresso (partido de orientação à centro-esquerda). Ele pleiteia que

Na política estudantil, a ideologia é o fator mais importante para a mobilização. Seguimos a ideologia de (Mohandas Karamchand) Gandhi e (Jawaharlal) Nehru. Consideramos o método de *satyagraha de Gandhiji* que foi utilizado para afastar o regime colonial como um modelo ideal de protesto. Tal método continua a ser muito vital nos protestos estudantis ainda hoje.

Numa linha semelhante, Shivam, um ativista estudantil associado à ABVP argumenta que a sua *satyagraha* (protesto) sobre a questão do *pathyakram* (currículo) era necessária, uma vez que havia muitos assuntos no programa que declinavam para uma ideologia particular (referindo-se à esquerda). Ele comenta que "pessoas de uma ideologia particular" têm estado lá desde o início - decidindo os cursos, concebendo os programas de modo a atender seus interesses. Por conseguinte, afirma que tais aspectos precisavam de ser eliminados e que tais assuntos exigiam um profundo escrutínio. A partir de sua experiência no tema, ele afirma que

Tivemos uma história rica e contribuições de grandes personagens; mas em vez de as estudarmos, somos ensinados sobre todo o período de domínio Mogol e coisas do tipo. Portanto, deveria haver alguma análise profunda. Ensinar sobre todos! Não deve acontecer que um dos lados continue a ser negligenciado e completamente desconhecido pelas pessoas. Como consequência, fizemos o *satyagraha* e a nossa exigência era muito genuína de que deveria haver uma equipe constituída e essa equipe deveria avaliar todo o currículo. A minha sugestão pessoal é que deveria haver uma revisão sistemática do currículo, em benefício de um *Hind-ta-bodh*¹⁰. Tantas histórias de escravidão, de uma forma ou de outra! Tivemos um passado glorioso e isso também deveria ser ensinado.

Foram levantadas as seguintes exigências: os currículos propostos para as quatro disciplinas deveriam ser revogados; a criação de um comitê externo de

¹⁰ *Hind-ta-bodh* se traduz vagamente como um sentimento de indianidade.

tramitação da revisão a fim de analisar os conteúdos do currículo existente; e a incorporação de um sistema democrático para incluir todas as partes interessadas em assuntos acadêmicos. Como a narrativa acima referida e a imagem seguinte sublinham, a tarefa principal da ABVP consistia em "libertar" o currículo universitário da propaganda da esquerda, a fim de permitir a liberdade de pensamento nas ciências sociais. Os estudantes em protesto exigiram que a *representação*, a *revisão* e o *debate racional* fossem retomados. Estes ativistas afirmaram que também eles são os principais interessados na concepção do programa de estudos e que o processo só poderia ser bem-sucedido através de uma revisão do programa de estudos existente através de debates racionais. Alguns dias mais tarde, os protestos aumentaram ainda mais - desta vez nos respectivos departamentos.



Imagem 1: O cartaz ou a "chamada a protestos". Fonte: Facebook/ABVPDelhi

Ativistas da ABVP reunidos na Faculdade de Artes mobilizaram-se em unidades menores e então se reuniram para submeter memorandos aos chefes dos quatro departamentos (em humanidades e ciências sociais). Ravindra, um ativista da ABVP e participante eloquente do protesto, recorda o episódio e conta que a sua associação discorda, de modo geral, de dois grandes fatores: primeiro, referente a assuntos de unidade nacional; segundo, sobre assuntos relativos ao bem-estar dos estudantes. Ele relata ainda que,

Durante o protesto contra o currículo, tínhamos protestado, indo a todos os departamentos em pequenos grupos. O resultado desse protesto foi que todas as coisas erradas que foram incluídas no programa de estudos contra a nossa cultura *sanatana* nos afetavam nos asseguramos de que esses elementos fossem removidos. Há certas coisas que podemos resolver com um simples memorando e tudo fica bem. Mas se a administração não estiver pronta para nos ouvir, então surge uma situação para protestos.¹¹

Enquanto as reuniões de grupo eram conduzidas pelos líderes mais experientes nas instalações da Faculdade de Artes, via-se jovens ativistas reunindo-se e preparando-se para o protesto (no departamento). Os mais antigos foram incumbidos da responsabilidade de mobilizar e liderar as frentes. Um antigo Secretário-Geral da União dos Estudantes da Universidade de Deli (DUSU) foi encarregado de levar os manifestantes para o Departamento de Sociologia e chegando lá se podia testemunhar ativistas que tentavam arrombar a porta e entrar em confronto com os policiais ou o pessoal de segurança. O próximo do grupo foi entoar slogans que exigiam a presença do chefe de departamento e o reconhecimento de suas reivindicações. Como se tratava do intervalo do almoço, algumas chamadas telefônicas do escritório e do pessoal de segurança fizeram com que o Chefe voltasse ao escritório.

¹¹ A cultura Sanatan é uma forma de elaborar/referir-se ao hinduísmo, já que muitos hindus preferem usar o termo *Sanātana Dharma*.



Imagem 2: Uma imagem do protesto pelo currículo. Fonte: Autor

Seguiu-se um breve diálogo entre o chefe de departamento e os ativistas, no qual foi salientado pelo primeiro que um comitê de peritos já havia sido criado e que a análise das queixas de todas as partes interessadas já estava em curso. Após muita insistência, o memorando dos manifestantes foi recebido e assinado e garantias foram dadas relativamente ao currículo. Posteriormente, os ativistas deixaram o Departamento com ar satisfeito – houve pequenos confrontos e ao que parecia os membros da ABVP haviam alcançado uma vitória moral e ideológica. No final do dia, imagens do protesto, bem como da “entrega de memorandos aos respectivos chefes de departamento foram exibidas nas suas plataformas de mídia social que incluíam Facebook e Twitter. Em suma, tratava-se de alcançar o capital político - uma forma de capital simbólico de acordo com o arsenal teórico bourdieusiano (Bourdieu, 1991). Quando questionado sobre os protestos, Praveen, um membro da ABVP apontou que haveria uma nova mudança depois desse evento e o que quer que tenha sido pensado sobre a religião em particular, seria revisto. Chamando a minha atenção para o fato de que apesar de um portal aberto estar sendo instituído pela universidade, incluindo a coleta de sugestões de todas as partes interessadas, ele acreditava que as mudanças deveriam ter sido feitas

apenas com base nas sugestões então apresentadas. Ele atesta ainda que

Quando é que falamos de uma religião em particular? Por exemplo, durante o período de revisão do currículo, o principal fator foi que ao alterar o programa de estudos, foi feita uma tentativa de intervir contra uma religião em particular. Os professores estavam envolvidos, tanto pesquisadores quanto membros do comitê. Assim, onde quer que se conceba e conteste algo com a verdade, então pode-se acreditar naquilo. Mas, caso contrário, diremos que aquilo simplesmente não é possível. É por isso que não foi correto alterar diretamente o currículo sem qualquer decisão, sem consultar qualquer comitê de elaboração.

Posteriormente, as autoridades universitárias e os respectivos departamentos reviram o currículo existente e decidiram não incluir os tópicos em disputa. Estes protestos também testemunharam contraprotostos de outros grupos, especialmente da Associação de Estudantes de Toda a Índia (*All India Students Association, AISA*), que apelou a uma marcha para condenar o “fracasso do programa” e salvar a liberdade acadêmica contra tais interferências; a ABVP rotulou o mesmo como “infeliz” (Edex Live, 2019). Ragini, um ativista estudantil da AISA afirma que partidos adversários como a ABVP refletem o que está acontecendo na política nacional, bem como na sociedade para além da universidade. Salientando que eles ainda chegam ao poder na universidade ano após ano, ela atesta que

...estes partidos estudantis não estão preocupados com a representação estudantil, nem representam eles próprios o que seria um estudante ou quais seriam as aspirações de um estudante quando chega na universidade.

Alvos de crítica no que tange a questões e políticas de governança acadêmica são comuns às universidades de todo o mundo. Embora existam sérios debates sobre se os estudantes deveriam ou não ser partes envolvidas em assuntos de importância acadêmica como o currículo, o fato é que ativistas estudantis utilizam essas querelas para obter capital político e almejar cargos de representação em instâncias decisórias como o conselho acadêmico, senado ou conselho executivo das universidades. Esta

seção buscou demonstrar que as intervenções no ensino superior e as questões de governança acadêmica não só trazem traços de fervor nacionalista ligado à identidade, mas também uma forte fundamentação ideológica em consonância com essas mesmas identidades. Em suma, os protestos pelo currículo também “prepararam o palco” para as eleições da União dos Estudantes que se aproximavam, sendo que muitas análises consideram que esses protestos foram organizados com o intuito de chamar a atenção para essas mesmas eleições. A propósito, a ABVP passou a ocupar três dos quatro lugares da comissão central nas Eleições da União dos Estudantes da DU realizadas em setembro de 2019.

Discussão: Ideologia, Identidades e Política do Ensino Superior

As últimas décadas têm sido agitadas nos campi universitários de todo o mundo devido a uma nova “onda global” de protestos estudantis, semelhante àquelas das décadas de 1960 e 1970. Com o advento da globalização e do neoliberalismo, a agência estudantil tornou-se ainda mais importante para análises mais profundas, uma vez que estudantes não são agentes apáticos ou inativos. Estudantes são uma classe esclarecida e bem informada de agentes políticos cuja agência política e padrões de ativismo precisam ser melhor documentados e analisados através de estudos sérios. No entanto, há também dificuldades no interior dos movimentos estudantis nos últimos tempos. De fato, é possível constatar de forma justa e direta que os movimentos estudantis viram reações diversas tanto dos regimes governamentais como do público em geral. No entanto, os tumultos e protestos nos campi têm sido constantes no contexto contemporâneo, definido pelas ameaças e riscos globais da pandemia de covid-19. Num tal cenário, se o ativismo político estudantil tem se renovado com base nas políticas de identidade – sendo também ideologicamente fundamentado ou não –

é uma questão que precisa de ser problematizada e analisada com profundidade¹².

De acordo com Habermas e Blazek (1987: 3), torna-se difícil para a universidade continuar como “um todo quando o laço unificador da sua consciência corporativa se dissolve”. Torna-se então imperativo para ela cumprir certas funções sociais (formação de futuros estudantes, preparação para carreiras acadêmicas, participação na educação geral, autocompreensão cultural e formação da opinião pública) a fim de preservar uma ligação interna com os objetivos, motivações e ações dos seus membros. Nesse sentido, eles afirmam que “ela deve encarnar institucionalmente”, bem como “ancorar motivacionalmente uma forma de vida que seja intersubjetivamente partilhada pelos seus membros”, cultivando sua dimensão exemplar. Afirmam ainda que

As universidades ainda estão enraizadas no mundo da vida através desta interpenetração de funções. Enquanto esta ligação não for completamente rompida, a ideia da universidade ainda não está totalmente morta (Habermas e Blazek, 1987: 8).

Contudo, com a transformação do Estado-nação num Estado em rede na Era da Informação, Castells (2010: 421) salienta a importância das identidades culturais, religiosas e nacionais como um princípio definidor de organização ou mobilização social. Falando de uma forma particular de identidade que ele rotula como “identidades de resistência”, ele sustenta que ela “se retrai nos paraísos do comunitarismo” e permanece constante apesar das transições globais ou do advento do individualismo radical; ela se organiza em torno dos “valores tradicionais de Deus, nação e família”, que são ainda mais reforçados através de emblemas étnicos e defesas territoriais. Embora os debates sobre o fim da

¹² A política de identidade designa a atividade política e teórica baseada em experiências compartilhadas de membros de certos grupos sociais. Sistemas de crenças, manifestos programáticos ou filiação partidária não são determinantes primários para a mobilização neste caso. Ao contrário, o objetivo é assegurar a liberdade política de seções marginalizadas específicas que afirmam ou reivindicam sua especificidade desafiando grupos dominantes, com o objetivo maior de autodeterminação (Heyes, 2020).

ideologia e a multiplicação da política de identidade existam há mais de meio século, pode-se claramente perceber que as universidades também têm refletido este fenômeno.

Pensando no caso indiano, Deshpande (2016: 38) afirmou que, no contexto do ensino superior, as últimas duas décadas foram as mais turbulentas desde a Independência com o advento de categorias globais como "economia e sociedade do conhecimento"; a "revolução social silenciosa" envolvendo críticas e reivindicações entre grupos de certas castas (tanto excluídas quanto privilegiadas) introduzindo assim heterogeneidade dentro de espaços relativamente homogêneos de faculdades e universidades; a crescente privatização do ensino superior juntamente com um maior controle estatal através de atos de "omissão" e "comissão", e um importante programa de expansão que testemunhou o conluio entre o Estado, empresários, políticos, e administradores acadêmicos. Destacando que a educação é a chave para a equidade em países em desenvolvimento como o nosso, ele enfatiza que o ensino superior se torna então a força conservadora mais potente tanto quanto um fator de mudança eficaz, servindo ainda mais como um meio de mobilidade social. É por estas razões, conclui ele, que o ensino superior se tornou um espaço de conflito no contexto atual.

Na mesma linha, Pathania (2018: 6) tem argumentado que, dentro de um tal espaço, o ativismo dos estudantes tem apenas proliferado ao longo do último século, obrigando-nos assim a refletir sobre o porquê de as universidades se tornarem espaços de resistência, abrindo o caminho para a construção de uma sociedade de ideias liberais¹³ e livres através de mudanças radicais – desafiando, bem como colocando novos desafios a formas

¹³ Nota do Tradutor: no contexto indiano, "liberal" é amplamente usado com o sentido de "progressista". O termo opõe-se, portanto, a "conservador", não sendo necessariamente equiparado ao "liberalismo" como sistema ideológico, apesar de este ser eventualmente o caso.

de autoridade¹⁴. Argumenta ainda que, no caso da Índia, a política estudantil revela

... que a política de classe tem estado em declínio enquanto a política de identidade ou a política de resistência à identidade tem estado em ascensão. Os partidos de esquerda há muito que simplificaram as complexidades da casta, projetando-as como políticas de classe. Eles ainda não desenvolveram uma estratégia clara para compreender estas complexidades sociais exclusivas da Índia. Além disso, a projeção da noção de classe mina a agenda anticasta que a democracia necessita para criar uma sociedade igualitária. Por outro lado, as forças centristas e a direita utilizam a política cultural como instrumento para abordar estas questões, que apelam às massas (Pathania, 2018: 18).

É neste contexto que devemos ter em vista que ideologia e currículo partilham uma relação simbiótica. As questões relativas ao currículo ou ao programa de estudos têm sido sempre objeto de grande debate. Nos contextos universitários indianos, o currículo tem sido também um espaço para se fazer política – política esta que é ideologicamente fundamentada, reflete a incorporação da identidade e tem voz ativa na construção da nação¹⁵. Dentro deste contexto, a influência de ideologias e identidades em relação à categoria de *rashtra-hith* (em prol dos interesses da nação) tem alcançado significado mais relevante nos últimos tempos, especialmente com a rápida neoliberalização e a expansão do nacionalismo religioso. Na Universidade de Deli (DU), houve numerosos debates sobre o currículo em que organizações estudantis pressionaram autoridades administrativas a intervir ou a interromper as reformas do mesmo. Muitos manuais escolares tiveram que ser retirados do programa de

¹⁴ Pathania (2018: 34) acrescenta que as reflexões de Alan Touraine, Alberto Melucci, Jürgen Habermas e Manuel Castells elucidam o surgimento e o caráter de movimentos sociais contemporâneos e localizam os movimentos estudantis de hoje como Novos Movimentos Sociais. Ele afirma ainda que ao contrário da centralidade da classe e da ideologia nos antigos movimentos sociais, os novos movimentos sociais da década de 1970 apoiaram-se numa série de dimensões como sexo, idade, raça, sexualidade, etnia e região (Pathania, 2018: 34).

¹⁵ A ABVP prefere o termo *rashtriya punarnirman* (reconstrução da nação) ao invés de construção da nação, englobando seu objetivo filosófico de primeiro desfazer e depois refazer.

ensino por serem aparentemente opostos aos alicerces ideológicos de determinadas organizações.

Tabela 2: Contestações do Currículo de Graduação da DU no passado

Ano	Disciplina	Textos contestados
2008	História	<i>Three Hundred Ramayanas</i> , de A K Ramanujan
2010	História	<i>Sachchi Ramayan</i> , de Periyar
2012	História	<i>Three Hundred Ramayanas</i> , de A K Ramanujan
2017	Sociologia	<i>The Burning Forest: India's War</i> , de Nandini Sundar
2018	História	<i>Against Ecological Romanticism</i> , de Verrier Elwin; <i>The Making of an Anti-Modern Tribal Identity</i> , de Archana Prasad

Fonte: Dados recolhidos de *The Times of India*, 18 de Julho de 2019

Usando a analogia do 11 de Setembro como evento e a ideia de que (ensinar) ele pode ter sérios desdobramentos para questões ou ideais de democracia em geral, Apple (2019) argumentou que, os educadores – seja aqueles que atuam na sala de aula da universidade ou que participam nos processos decisórios de conselhos escolares) devem primeiro reconhecer as suas "respostas contraditórias" ao evento em particular ou às suas consequências. Ele afirma que tais respostas podem ter ramificações duradouras e que

...muitas destas consequências podem, por si só, prejudicar a própria democracia que acreditamos estar nutrindo e defendendo. Esta compreensão política mais complexa pode muito bem ser um primeiro passo para encontrarmos estratégias pedagógicas apropriadas e socialmente críticas para trabalharmos no interior das nossas classes e comunidades, interrompendo assim os grandes projetos hegemônicos – incluindo a redefinição da democracia como "fervor patriótico" – que continuaremos a enfrentar no futuro (Apple, 2019: 187-188).

No caso indiano, enquanto os manuais escolares e o seu currículo têm atraído perenemente contestações e, conseqüentemente, um interesse generalizado (por exemplo, os manuais do NCERT), tal fenômeno tem

estado geralmente sub-representado no que diz respeito ao ensino superior¹⁶. A maioria das contestações nos recentes protestos relacionados com os currículos foram ponderadas a favor desta categoria, pois os manifestantes acreditavam que o seu projeto mais amplo de (re)construção nacional só pode ter êxito quando as suas vozes são devidamente ouvidas assim como quando "a sua classe de literatura é verdadeiramente representada" nos currículos de ensino. Discutindo o caso da Grã-Bretanha, Ball (1993) argumenta que tal fenômeno de "glorificação do passado" levou ao aparecimento da "história restauracionista", que é "a reconstrução do passado por si só" e não um "prelúdio para assuntos atuais". Ele chama isso de história sem valores, uma história que divorcia os fatos da interpretação e a interpretação do interesse. Ele atesta ainda que

A abordagem centrada em "glórias do passado" serve à ideologia do império e do nacionalismo. O sangue, a luta, a dor e a desordem da história é retrabalhada numa ladainha de glórias e vitórias, uma adequação retrospectiva e sentimental do atual. Isto faz parte do que Foucault chama "a disputa em torno da memória popular". Na história restauracionista, a Grã-Bretanha deve estar no centro da história, uma influência benigna e progressiva sobre o mundo, portadora de justiça e civilização. O foco, retomado na documentação do Currículo Nacional, é a história política, constitucional e militar e não a social ou cultural (Ball, 1993: 203-04).

Numa linha semelhante, Sarkar (2019) afirmou que a história da RSS é impulsionada por necessidades políticas, crenças populares e mitos, juntamente com a construção de trabalho de memória. Argumenta ainda que um tal imperativo afirma privilégios contra a história investigativa, na medida em que não se colocam questões de avaliação acadêmica ou de verificação cruzada, de verificação da validade das reivindicações narrativas ou mesmo dos seus métodos e propósitos. Na sua opinião, a história torna-se então um campo raso onde todos os tipos

¹⁶ NCERT ou o *National Council of Educational Research and Training* [Conselho Nacional de Pesquisa e Capacitação Educacional] é uma organização autônoma do Governo da Índia que presta assistência aos Governos Central e Estaduais na elaboração de políticas e programas de melhoria qualitativa da educação escolar.

de memórias têm um o mesmo estatuto de interesse. Ela afirma ainda que

Dado que o *Hindutva* desafia métodos e narrativas históricas acadêmicas, por que razão deveriam os seus relatos do passado cultural tornar-se mais populares e bem-sucedidos do que os acadêmicos? Os historiadores seculares de esquerda - que constituem o grosso dos historiadores indianos - têm uma compreensão complexa e matizada da história e, desnecessário dizer, também uma compreensão imensamente mais acadêmica. Mas eles, com poucas exceções, limitaram o seu trabalho ao domínio do propriamente acadêmico: como, de fato, deveriam fazer, uma vez que o seu papel legítimo é escrever histórias honestas, bem documentadas e interessantes. Esse reino, porém, pertence inevitavelmente aos centros metropolitanos e aos círculos acadêmicos de classe média altamente instruída (Sarkar, 2019: 172).

Falando do caso do DU, Chaudhuri (2018: 346) declarou que, nos últimos anos, o ativismo tem sido galopante e os estudantes têm sido eloquentes nos referendos contra os politicamente impostos Programa Quadrienal de Graduação sobre Quatro Anos (*Four Year Undergraduate Programme*, FYUP) e Sistema de Crédito Por Preferências (*Choice Based Credit System*, CBCS), intervenções políticas que foram vistas como prejudiciais para a qualidade da educação. Além disso, com a influência crescente do nacionalismo religioso no contexto indiano, Gupta (2019) afirma que os recentes protestos em espaços do ensino superior que surgiram desde 2016 oferecem um caso para análise e envolvimento com a questão crítica do nosso tempo: o caráter do nacionalismo excludente, a consanguinidade da governação neoliberal e nacionalista, e a tomada global da academia por parte dos neoliberais. Ela afirma ainda que o poder político funciona de forma semelhante nos campi acadêmicos e fora deles. Nesse sentido, ela ressalta que o papel desempenhado por membros da ABVP é representativo do fato que eles aparecem como "guardiães da ideologia nacionalista", servindo como "os *Camisas Negras*¹⁷ do BJP na academia" ou a principal base de quadros do partido

¹⁷ Nota do tradutor: referência à Milícia Voluntária para a Segurança Nacional criada em 1923 durante o governo fascista de Benito Mussolini.

no poder através do RSS (Gupta, 2019: 5-6). A autora sustenta que isso conduz a pedagogia e o conhecimento na direção do nacionalismo autoritário que têm sido geralmente "vendido" por meio de táticas neoliberais de métricas, fixação de objetivos, e racionalizações de custos. Ela afirma ainda que

... a redução dos currículos e programas à formação de habilidades, o aumento das anuidades e do custo da educação para os estudantes, a vigilância acirrada, o desestímulo às atividades sindicais, a falta de investimento em auxílios estudantis e infraestruturas educativas e assim por diante têm como um todo motivado protestos concomitantemente com, ou através do, aumento do nacionalismo autoritário. Todos esses movimentos são amplamente evidentes em regimes neoliberais de outros países e têm sido inspirados por exemplos ou importados de práticas de outros lugares para a Índia (Gupta, 2019: 7).

Em desdobramentos muito mais recentes, a administração da DU passou o Quadro Curricular de Graduação (*Undergraduate Curriculum Framework*, UGCF) para reinstaurar o Programa Quadrienal de Graduação (*Four Year Undergraduate Programme*, FYUP) formulado de acordo com a Política Nacional de Educação (*National Education Policy*, NEP) para a sua próxima sessão acadêmica a despeito da discordância de alguns membros do conselho acadêmico que consideravam que o documento deveria ser enviado para discussão de todos os órgãos estatutários, tais como os comitês de cursos, conselhos de pessoal e faculdades, antes de o encaminhar ao Conselho Acadêmico (Outlook, 2022)¹⁸. Para destacar a posição de Jayaram (2007) sobre este aspecto,

O sistema universitário indiano é extraordinariamente rígido e declaradamente resistente à mudança: o ímpeto para a mudança não vem de dentro do sistema. Quando experiências ou inovações são introduzidas de fora, elas encontram resistência; se aplicadas, são ritualizadas. O destino de tais

¹⁸ A nota dissidente afirmava que a universidade deu somente 10 dias para que as partes interessadas respondessem a uma reestruturação que mudaria o cenário da educação na graduação e teria grandes consequências para professores e estudantes, especialmente mulheres, assim como outros estudantes de grupos marginalizados e desfavorecidos, pois elas teriam que esperar um ano a mais em comparação com estudantes de outras universidades antes de entrar no mercado de trabalho (Outlook, 2022).

inovações como o programa de promoção de mérito, o programa de aperfeiçoamento do corpo docente, a profissionalização dos cursos, a semestralização dos cursos, o centro de desenvolvimento curricular, o relatório anual, o conselho de desenvolvimento universitário, o colegiado de pessoal acadêmico e os cursos de atualização e orientação, são suficientemente conhecidos por todos para requerer maiores explicações. É de fato irônico que o ensino superior, que esperamos funcionar como um agente de mudança, deva ele próprio resistir a isso (Jayaram, 2007: 765).

Neste contexto, o ensino superior indiano encontra-se numa encruzilhada paradoxal: entre o neoliberalismo acelerado e o crescente nacionalismo religioso. Embora surjam tendências para "dar conta" das exigências econômicas globais em constante transformação, defende-se ao mesmo tempo o apego a um "passado glorioso". Num tal cenário, valeria a pena refletir sobre as várias percepções em torno do ativismo político estudantil. Tanto em períodos anteriores como atualmente, não se pode descartar que tal forma de política tenha nutrido, e continue a fazê-lo, uma ligação orgânica com o ensino superior. De fato, pode-se atestar que o ativismo construtivo tem sido um requisito necessário para o funcionamento democrático e organizado do ensino superior. Por isso, esta secção buscou lançar luz sobre a centralidade desta questão, a saber que os estudantes e a política compartilham uma relação intrínseca, o que tornaria difícil a tarefa de segregar os estudantes do "político". O papel desempenhado pelas organizações estudantis ou pelas alas estudantis dos partidos políticos e dos mecanismos institucionalizados que regem tais processos só reforça tal relação.

Conclusão

A democratização do ensino superior em várias nações pós-coloniais tem sido estimulada por desejos de emancipação. Mas, ela também transformou estes 'campos' em espaços de competição. A este respeito, o ativismo estudantil serve de catalisador para alcançar tais ideais e programas. Grandes mudanças ocorreram no

caráter e composição das universidades indianas nas últimas três décadas, aproximadamente, devido às mudanças em sua composição demográfica induzidas por intervenções políticas de ação afirmativa. Além disso, com o início das políticas de liberalização econômica e os crescentes pendores do nacionalismo religioso, estes locais tornaram-se espaços relevantes de contestação. Com o momento *Mandal-Mandir* a emergir no início dos anos noventa, o envolvimento dos estudantes no ativismo ou na política invocou uma dualidade: enquanto, por um lado, muitos comentadores argumentaram que as atitudes apáticas ou apolíticas haviam se tornado a norma; outros elogiaram a população jovem como a força motriz das revoltas globais contemporâneas ou em relevantes questões políticas locais¹⁹. É preciso então compreender como a política estudantil repercute na política nacional e recorre a traços de política de identidade, alinhamentos ideológicos ou temas diversos de importância nacional. Neste sentido, a política estudantil na Universidade de Deli parece estar mais alinhada com as forças políticas externas em comparação com outras universidades indianas.

Os estudantes têm sido vistos como uma classe de indivíduos que possuem uma forte agência – declarando abertamente suas posições a favor ou contra temas de grande importância relacionados ao ensino superior e ao mercado de trabalho, refletindo e exibindo com força sua trajetória de classe ou proeza capital, bem como conectando expressivamente múltiplas identidades com ativismo político a fim de atingir objetivos maiores. Embora uma parte substancial dos estudantes permaneça fortemente apática e apolítica em relação às preocupações acima mencionadas, uma posição que pode em grande

¹⁹ O momento *Mandal-Mandir* foi definitivo para a política indiana. Ele consistiu numa onda de protestos no início dos anos 90 na Índia protagonizados por grupos de altas castas e classes médias em resposta à ampliação das quotas para as *Other Backward Classes* (OBCs) por recomendação da Comissão Mandal. Essas manifestações aconteceram numa atmosfera comunitarista crescente após o Rath Yatra (peregrinação da carruagem) para a construção do Ram Mandir (Templo de Rama) em Ayodhya, que resultou na demolição do Babri Masjid (Mesquita Babri) em 1992.

parte ser atribuída aos valores centrais das tendências liberalizadoras da economia, bem como aos níveis mais elevados de concorrência nos setores da educação e do emprego – uma parte significativa dos estudantes conseguiu mais voz e agência através destes programas de adequação estrutural e intervenções acima mencionadas, juntamente com políticas de ação afirmativa ou quotas.

Deve-se mencionar que os estudantes têm sido e continuam a ser vistos como uma poderosa agência política em todo o mundo e este artigo buscou desenvolver direções proeminentes da agência política dos estudantes em relação a questões de governação acadêmica. Ele abordou o vácuo existente na análise das intersecções entre a elaboração de políticas acadêmicas, a política estudantil e a sua dissidência em relação a tais políticas que se manifestam a partir de uma universidade pública na Índia. Quando os protestos do currículo se intensificaram, muitos dos daqueles que os testemunharam de perto sentiram que se tratava então de uma mera tentativa de assegurar a vitória das Eleições da União dos Estudantes. Na sua opinião, os debates envolvendo o currículo logo se esgotariam. Os argumentos mobilizados pareciam bem fundamentados, uma vez que, depois disso, houve pouca discussão ou protestos em torno do currículo. Contudo, é preciso sublinhar que este processo é intrincado e recíproco: estar na liderança da União de Estudantes permitiu aos partidos estudantis expressar a sua discordância em relação às políticas e decisões da Universidade. Além disso, quando apoiado pelo regime atual, tal poder se soma à construção de capital político; um capital que se torna essencial para efetuar – ou resistir – a mudanças não só na universidade, mas também fora dela.

O objetivo específico deste artigo foi de destacar o funcionamento quotidiano da política ou do ativismo no espaço universitário. À guisa de conclusão, a contribuição dos estudantes para a mudança social – seja para resolver questões locais do campus, seja para participar em projetos mais amplos da construção nacional – continua a ser defendida e documentada por pesquisadores em todo

o mundo. Não se pode ignorar o fato de que diversos espaços sociais têm forjado a agência política de estudantes, bem como a sua participação em formas cotidianas de ativismo político. Mesmo em meio às recentes turbulências, assim como a ataques contra a agência estudantil, o seu papel na construção nacional continua a ser tão relevante como sempre. Tais manifestações políticas revelam uma vibrante ecologia política, como atestam os protestos do currículo, entre muitos outros. No entanto, e para concluir, tais visões de construção nacional, tal como compreendidas por grupos pró-estatistas como a ABVP, são exclusivistas, prejudiciais à democratização do espaço universitário, não inclusivas e mascaram ou alteram realidades sociais existentes. Assim sendo, a questão de que tipo de política estudantil é ou não aceitável e apropriada precisa de maior reflexão, e este artigo busca abrir caminhos para mais debates a este respeito.

Referências Bibliográficas

- ALTBACH, Philip G. 1999. “At large: Student power: Politics and revolution”. *Change* 31(5): 52-57.
- ALTBACH, Philip G. 2007. “Student Politics: Activism and Culture”. In: J.J.F. Forest and P.G. Altbach (eds.). *International Handbook of Higher Education*. Dordrecht: Springer. p. 329-345.
- ALTBACH, Philip G; KLEMENČIČ, Manja. 2014. “Student activism Remains a Potent Force Worldwide”. *International Higher Education* 76: 2-3.
- APPLE, Michael W. 2019. *Ideology and Curriculum* (Fourth Edition). New York: Routledge.
- BALL, Stephen J. 1993. “Education, Majorism and the Curriculum of the Dead”. *Curriculum Studies* 1(2): 195-214.
- BOURDIEU, Pierre. 1991. *Language and Symbolic Power* (translated by G. Raymond and M. Adamson). Cambridge: Polity.

- CASTELLS, Manuel. 2010. *The Power of Identity (second edition)*. Malden, MA: Blackwell.
- CHAUDHURI, Rosinka. 2018. “Questions of minority, agency and voice: student protests in India”. *Postcolonial Studies* 21(3): 338-349.
- DELLA PORTA, Donatella; CINI, Lorenzo; GUZMÁN-CONCHA, Cesar. 2020. *Contesting Higher Education: Student Movements against Neoliberal Universities*. Bristol: Bristol University Press.
- DESHPANDE, Satish. 2016. “Higher Education: An Uncertain Policy Process”. *Economic and Political Weekly* 51(35): 37-40.
- Edex Live*. 2019. “AISA calls for march to protest RSS interference in Delhi University syllabus, ABVP calls it unfortunate”, 22 July 2019.
- GUPTA, Suman. 2019. “Indian student protests and the nationalist–neoliberal nexus”. *Postcolonial Studies* 22(1): 1-15.
- HABERMAS, Jürgen; BLAZEK, John R. 1987. “The Idea of the University: Learning Processes”. *New German Critique* 41: 3-22.
- HEYES, Cressida. 2020. “Identity Politics”. In: Edward N. Zalta (ed.). *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Fall 2020 Edition), Accessed from: <https://plato.stanford.edu/archives/fall2020/entries/identity-politics/> on 08th February 2022.
- JAFFRELOT, Christophe. 2000. “The Hindu nationalist movement in Delhi: from ‘locals’ to refugees—and towards peripheral groups?”. In: Véronique Dupont et al. (eds.). *Delhi: Urban Space and Human Desires*. New Delhi: Manohar. p. 181-203.
- JAYARAM, Narayana. 2007. “India”. In: James J. F Forest and Philip G. Altbach (eds.). *International Handbook of Higher Education* [Part One: Global Themes and Contemporary Challenges]. Dordrecht: Springer. p. 747-767.

- JEFFREY, Craig. 2012. *Timepass: Youth, Class, and the Politics of Waiting in India*. New Delhi: Foundation Books.
- KUMAR, Sanjay. (ed.). 2014. *Indian Youth and Electoral Politics: An Emerging Engagement*. New Delhi: Sage Publications.
- LUKOSE, Ritty A. 2010. *Liberalization's Children: Gender, Youth and Consumer Citizenship in Globalizing India*. Hyderabad: Orient Blackswan.
- MARTELLI, Jean-Thomas; GARALYTÉ, Kristina. 2019. "Generational Communities: Student Activism and the Politics of Becoming in South Asia". *South Asia Multidisciplinary Academic Journal (SAMAJ)* 22: 1-44.
- Outlook. 2022. "DU Okays UG Curriculum Framework Formulated In Line With NEP", 14 February 2022.
- PATHANIA, Gaurav Jogi. 2018. *The University as a Site of Resistance: Identity and Student Politics*. New Delhi: Oxford University Press.
- SARKAR, Tanika. 2019. "How the Sangh Parivar writes and teaches history". In: Angana P. Chatterji et al. (eds.). *Majoritarian State: How Hindu Nationalism is Changing India*. New York: Oxford University Press. p. 151-173.
- Sunday Times. 2021. "Draft curriculum including coding and robotics to be gazetted: Ramaphosa", 25 February 2021.
- The Times of India. 2019. "Protests force course 'correction' in Delhi University", 18 July 2019.

Traduzido por Vinicius Kauê Ferreira

Enviado: 30/03/2022

Aceito: 14/04/2022